



*Pãe*: Uma metáfora para a função paterna em dissidência

Gabriel Garcia Battisti

Caxias do Sul, 2022

UNIVERSIDADE DE CAXIAS DO SUL  
ÁREA DO CONHECIMENTO DE HUMANIDADES  
CURSO DE PSICOLOGIA

*Pãe*: Uma metáfora para a função paterna em dissidência

Trabalho apresentado como requisito parcial  
para Conclusão do Curso de Graduação em  
Psicologia, sob orientação da Profa. Dra.  
Luciene Jung de Campos.

Gabriel Garcia Battisti

Caxias do Sul, 2022

## AGRADECIMENTOS

São muitos aqueles dignos de meus agradecimentos, mas mantereí neste espaço apenas os principais atores nesta minha jornada de produção do trabalho. Primeiramente gostaria de deixar meus agradecimentos aos meus amigos e irmãos de ordem, que mesmo não podendo me ajudar na produção deste trabalho, sempre estiveram junto a mim quando precisei de suporte durante todo o processo.

De igual maneira tenho de agradecer à minha família por tal, sem o apoio dos meus pais e do meu irmão eu não teria sido capaz de chegar aonde cheguei em toda essa pesquisa. Em especial dentro da minha família agradeço ao meu irmão Lucas, que mesmo ocupado diariamente com seus afazeres acompanhou desde o início meu trabalho e me ajudando como possível com sua experiência de pesquisador, desde sobre como fazer fichamentos e sistematizações de conteúdo, até discussão geral sobre o assunto.

Por último e não menos importante, deixo meus imensos agradecimentos à minha orientadora Luciene pelo esforço investido para me acompanhar nesse grande desafio para mim que é pesquisar. Foi capaz de suportar minhas contradições, resistências e até mesmo surtos durante o semestre que se passou, não me deixando desistir e abandonar esse trabalho que construímos juntos nos últimos meses. Devo-lhe minha gratidão pois foi você quem me fez reconhecer o quão emancipadora a educação pode ser, sendo libertador para mim ser capaz de reconhecer que posso alcançar o futuro que almejo se eu seguir com meus estudos e constante formação.

## SUMÁRIO

	Página
LISTA DE ANEXOS.....	5
LISTA DE FIGURAS.....	6
RESUMO.....	7
INTRODUÇÃO.....	8
OBJETIVOS.....	8
CAPÍTULO 1: ANÁLISE DO DISCURSO.....	10
CAPÍTULO 2: O ESTUPRO.....	13
CAPÍTULO 3: PÃE.....	20
CAPÍTULO 4: PAI.....	27
CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	32
REFERÊNCIAS.....	34
ANEXOS.....	39

## LISTA DE ANEXOS

ANEXO A: Depoimento .....	39
---------------------------	----

## LISTA DE FIGURAS

Figura 1: Filho Bastardo.....14

Figura 2: O Jantar.....16

Figura 3: Filho Bastardo II.....16

RESUMO

Este trabalho procura indagar sobre a função paterna a partir do significante *pãe*, presente no depoimento de Alexandre, um homem transexual. Tal depoimento foi retirado do relatório “A Situação da Paternidade no Brasil” publicado em 2019 pelo Instituto Promundo. A análise da materialidade significativa se dá a partir do dispositivo teórico analítico metodológico da Análise do Discurso proposto por Michel Pêcheux, enquanto disciplina de entremeio fundamentada no materialismo histórico, na linguística saussuriana e na psicanálise freudo-laciana. Tal dispositivo teórico analítico pressupõe o sujeito como sujeito do inconsciente, atravessado pela ideologia. Reconhece a condição histórica e política da subjetividade, enquanto tomada de posição no discurso. O discurso é a manifestação da história por meio da língua, material simbólico em confronto com a ideologia. Os resultados da análise identificam o significante *pãe*, enquanto equívoco constitutivo, uma irregularidade na língua que explicita a contradição histórica que o situa. Uma marca de resistência que abala os significados binários de pai e de mãe. Na perspectiva psicanalítica, a tomada de posição sujeito trans desencadeia socialmente o narcisismo das pequenas diferenças abalando a ideia de unidade e homogeneidade em que se assenta a ideia de identidade sexual. Instala inquietude e estranhamento onde havia consenso, desdobrando-se em violência e estupro, no caso de Alexandre. Instala-se uma lógica disjuntiva, que diz respeito à suposta impossibilidade de existir um lugar fora do que já é socialmente identificado e reconhecido. Os pontos de impossibilidade presentes na lógica disjuntiva criam uma prática de gestão de corpos determinada pela ideologia dominante. O significante *pãe* surge como reinvenção da função paterna, uma função paterna desejante, abrangendo não só a representação simbólica da lei, mas também o desejo e a subjetividade na constituição do sujeito. Nesse sentido, a pesquisa exigiu uma posição anticolonial e antipatriarcal para que fosse possível o tensionamento entre a função paterna e a ideologia dominante que insiste em mantê-la dentro de padrões impostos. Esse tensionamento busca reconhecer uma dissidência que recoloca e atualiza as transformações da função paterna.

Palavras-chave: Função paterna, Análise do Discurso, Psicanálise

## INTRODUÇÃO

De início, destaco a polêmica sobre o tema paternidade na discussão atual, quando tal condição se resume ao homem, que como afirma Lacan (1963), só recebe o estatuto de pai no instante em que está morto enquanto homem. Trato de abordar a função paterna. Posição que pode ser assumida pelo sujeito sem ser, necessariamente, o portador biológico de uma genitália masculina.

O declínio da imago paterna tem-se mostrado cada vez mais presente na sociedade contemporânea, e com a função paterna sendo afetada por esse processo, surge espaço para que se discuta a respeito, abrindo possibilidades de se pensar em novas formas de se assumir tal posição. Se faz necessário discutir esse assunto em função da complexidade do sujeito que tensiona a tradição patriarcal presente na história da humanidade e que até hoje se reproduz nas relações entre as pessoas. Como se trata de relações de poder que constituem a subjetividade, instiga-me enquanto pesquisador, e sou solidário com as pesquisas da psicóloga Sofia Sangalli (2021) empenhada em lutar por uma psicologia anticolonial e antipatriarcal, próxima ao tema e ao esforço que pretendo fazer com este trabalho. Venho problematizar a função paterna para que possamos abrir os horizontes e tensionar a cristalização e a fragilidade dessa posição. Por essa causa tenho o desejo de abordar o tema e questionar o estatuto da função paterna. Frente ao que está posto, o objetivo geral deste trabalho é:

Analisar o significante *pãe*, recortado do relatório “A situação da paternidade no Brasil”(2019),na perspectiva teórica e metodológica da análise do discurso pecheutiana para tensioná-lo na perspectiva da língua, da ideologia patriarcal capitalista e do sujeito.

Na tentativa de dar conta deste objetivo, este trabalho se desenrola em quatro capítulos. No primeiro é feita uma contextualização sobre o dispositivo teórico utilizado e sua origem, abordando alguns conceitos essenciais para a discussão. No segundo capítulo há uma aproximação da temática do estupro em aproximação com a arte, através das obras da Adriana Varejão, analisando o colonialismo no Brasil e relacionando com as



teorias freudiana e althusseriana. No terceiro capítulo, é discutido sobre o significante *pãe* com base na contrassexualidade proposta por Preciado e na aproximação da análise do discurso com a teoria lacaniana. No último capítulo é feita uma retomada do entendimento de Lacan sobre a função paterna, sua metáfora e declínio.

. Para essa pesquisa foi escolhida a análise de discurso de Michel Pêcheux como forma de analisar a materialidade presente. A escolha do dispositivo teórico analítico metodológico foi realizada com o objetivo de enfrentar as metodologias positivistas que se fazem predominantemente presentes nas pesquisas universitárias, visando sempre a busca de resultados e respostas concretas para a pesquisa, objetivos esses não almejados neste trabalho. Enquanto ciência do patriarcado, reproduzida pela ideologia dominante, as pesquisas de cunho positivistas, mais pragmáticas, não se mostrariam capazes de produzir uma discussão de cunho analítico tal como a presente neste trabalho.

Busco na análise do discurso as ferramentas necessárias para abordar o depoimento de Alexandre para além do que está manifesto em suas palavras. Reconhecer as dimensões históricas, ideológicas e políticas de onde surgiu seu depoimento se mostrou necessário para tratar a posição de um homem trans como Alexandre na sociedade que produz, e reproduz, a ideologia da virilidade e da macheza, virtudes exigidas dos homens e que se fazem necessárias questionar sobre para que possamos falar da função paterna, pois presente o declínio da imago paterna, ideais como esses não deveriam mais ser valoradas em nossa sociedade, mas ainda assim são tomadas como modelo para os pais, refletindo nas formas de se relacionar e cuidar de seus filhos.

## ANÁLISE DO DISCURSO

Anterior à discussão sobre o depoimento de Alexandre, cabe uma descrição do referencial de análise utilizado para a discussão, abordando também os motivos para a escolha do dispositivo teórico analítico em questão. O referencial de análise é da análise do discurso proposta por Michel Pêcheux.

Nascido em 1938 na França, Michel Pêcheux se tornou filósofo em 1963 pela *École Normale Supérieure* (Escola Normal Superior de Paris) e em 1966 se tornou pesquisador no *Centre National de La Recherche Scientifique* (CNRS), pesquisando no laboratório de psicologia social, onde chegou a ser diretor de pesquisas.

A Análise do Discurso surgiu nos anos de 1960 com a articulação entre a linguística, o materialismo histórico e a psicanálise. Progressivamente amadureceu, explicitou e retificou a Análise do Discurso. A partir de 1975, Pêcheux operou com uma crítica das coerências globalizantes, a desestabilização das positivities, o retorno do sujeito, tentou repensar o que o discurso designava para ele. (Maldidier, 2003).

Em Pêcheux, as concepções da linguística são fundamentadas pela teoria dos discursos de Saussure, e na análise do discurso, toma como centro a noção do equívoco para tratá-lo como constitutivo da língua. No campo da psicanálise, baseou sua teoria na psicanálise lacaniana, se apropriando das noções de sujeito do inconsciente, enquanto sujeito faltante, para a formação de sua base teórica. Do materialismo histórico, utilizou da noção de contradição trabalhada por Althusser, teórico que exerceu grande influência em seus estudos.

Segundo Pêcheux (1988), o discurso é o efeito de sentidos entre locutores, ou seja, não haveria o intuito único de transmitir informações, mas também haveria nesse processo uma constituição de sujeitos, que ocorreria nesse lugar teórico em que se encontram de maneira conjunta, e não delimitadas, as indagações sobre a língua, a história e o sujeito. Sobre a noção de discurso para Michel Pêcheux, o autor trata tal fato como a manifestação da história por meio da língua, afirmando também que o discurso é

o observatório das relações entre língua e ideologia, sendo um material simbólico que está em confronto com a ideologia.

O discurso me parece, em Michel Pêcheux, um verdadeiro nó. Não é jamais um objeto primeiro ou empírico. É o lugar teórico em que se intrinca, literalmente, todas as suas grandes questões sobre a língua, a história, o sujeito. A originalidade da aventura teórica do discurso prende-se ao fato que ela se desenvolve no duplo plano do pensamento teórico e do dispositivo da análise de discurso, que é seu instrumento (Maldidier, 2003, p. 15-16).

Sobre a análise discursiva Pêcheutiana, Orlandi (2002), afirma que tal dispositivo procura conhecer o caráter histórico da linguagem, sendo um dispositivo de análise fundamentada pelo materialismo histórico, pela linguística, e pela teoria dos discursos. Essas dimensões se articulam de modo a propor uma concepção dos processos semânticos e de enunciação com base nas determinações históricas e ideológicas que atravessam essa formação discursiva.

A Análise de Discurso, como seu próprio nome indica, não trata da língua, não trata da gramática, embora todas essas coisas lhe interessem. Ela trata do discurso. E a palavra discurso, etimologicamente, tem em si a ideia de curso, de percurso, de correr por, de movimento. O discurso é assim palavra em movimento, prática de linguagem: com o estudo do discurso observa-se o homem falando (Orlandi, 2007, p. 15).

Orlandi (2002) destaca na análise do discurso de Pêcheux que a linguagem não é concebida apenas como sistema de regras formais, mas é pensada também na sua prática, atribuindo dessa forma um valor ao trabalho da linguagem com o simbólico. O sujeito para a análise do discurso se refere ao sujeito do inconsciente, este que é atravessado pela ideologia, reconhecendo dessa forma a natureza histórica e política existente no discurso.

Para Pêcheux (1975/2014), o sujeito se localiza enquanto posição com base no seu pertencimento a uma formação discursiva, seja por uma tomada de posição em uma formação discursiva ou por uma ruptura em uma formação discursiva.

"A interpelação do indivíduo em sujeito de seu discurso se efetua pela identificação (do sujeito) com a formação discursiva que o domina (isto é, na qual ele é constituído como sujeito)" (Pêcheux, [1975/2014], p. 150).

Na teoria Pêcheutiana, como destaca Jung de Campos e Alquati (2002), há um desdobramento da aproximação entre o sujeito dividido da psicanálise e o sujeito da história, esse que seria assujeitado pela ideologia. A análise do discurso trabalha no ponto de ruptura entre a natureza e a civilização, referindo-se respectivamente ao sexo biológico e às noções de gênero ideologicamente reproduzidas. De tal forma, esse desdobramento torna possível o reconhecimento da humanidade binária, colonial e patriarcal, permitindo assim que a dissidência seja possível, como no caso do significante *pãe*.

Pontualmente sobre a ideologia, ela pode ser entendida como um efeito de relação entre sujeito e linguagem, de modo que não se mostra consciente, ainda assim estando presentes em todas as manifestações do sujeito, permitindo a ele sua identificação com a formação discursiva que o domina (Costa, Oliveira e Dorneles, 2020).

Completam os autores afirmando que "a ideologia não se refere exatamente à parte "oculta" ou implícita de uma dada sentença, mas à função que medeia a relação entre a linguagem e o mundo" (Orlandi, 2002). Na análise de discurso, a ideologia surge por intermédio das práticas sociais, com base nas posições assumidas a partir da identificação com uma posição implicada em uma formação discursiva, sendo esse processo de identificação a interpelação forma-sujeito.

Sobre a escolha do referencial, ela se deu pela necessidade no processo de pesquisa em aprofundar-se nas dimensões mais constitutivas do depoimento de Alexandre, demanda essa que não emergiu no primeiro momento da pesquisa visto o referencial de análise utilizado no início do processo. Para tentar tratar em sua profundidade o depoimento de um homem transexual dentro de uma sociedade héteronormativa foi necessário ir além do conteúdo manifesto presente em seu discurso, se fez necessária a análise das dimensões ideológicas, políticas e históricas que constituem o Alexandre como sujeito.

A análise materialista do discurso trabalha a partir de uma materialidade discursiva, sendo ela a base material de análise necessariamente determinada pela contradição, ou seja, pelo processo de sobredeterminação próprio ao funcionamento da ideologia (Vinhas, 2020).

Considerando a indissociabilidade entre sujeito e objeto, “o materialismo histórico nos leva a pensar a materialidade discursiva trazendo para ela a noção de movimento de mundo e a de contradição, já que não estamos mais no âmbito da dialética idealista (Hegel) mas materialista (contradição)”. (Jung de Campos e Alquati, 2020)

A autora traz também que a materialidade discursiva significa a partir da forma como é determinada pelas relações com língua, história e inconsciente, de modo que se faz necessário operacionalizar esse atravessamento triplo presente. A materialidade discursiva existe então por meio da relação de incompletude entre os três elementos, do funcionamento da língua, esse sendo passível de equívoco; da existência do sujeito enquanto sócio-histórico-ideológico; e do recalque inconsciente presente no funcionamento psíquico do sujeito. Ressalto aqui que a materialidade dessa pesquisa consiste em quatro sequências discursivas do depoimento de um homem trans, que serão discutidas e analisadas no decorrer do texto.

## **O ESTUPRO**

*Sequência Discursiva 1: Aos 19 anos eu cursava o segundo ano do ensino médio. Aos sábados a escola abria seus portões para o uso da quadra poliesportiva e eu e alguns amigos sempre íamos jogar futebol, porém num desses sábados minha turma não foi e resolvi ir sozinho. Joguei bola com outra galera que não conhecia, mas tudo bem. Após o jogo terminar fui ao banheiro, sempre usei o banheiro masculino, e para minha surpresa lá estavam 4 caras e os mesmos tomaram uma atitude muito violenta comigo. Começaram a me xingar e dizer que iriam me ensinar a ser mulher. Nesse momento me colocaram dentro de uma cabine e começaram a me bater e a me violentar sexualmente. Fui estuprado pelos 4 caras...*

A afirmação de que “iriam ensinar o Alexandre a ser mulher” retorna ao conceito proposto por Freud (1930/1976) de “narcisismo das pequenas diferenças”, que seria a ideia de que a identidade se forma pela diferença em relação às outras pessoas e que tal identidade seria afirmada e defendida contra aquilo que é mais próximo ao sujeito ou que representaria maior ameaça a ele. O mesmo autor afirma que a perda dessas distinções e diferenças resultam em violência, de modo que a ausência de um poder central e capaz de proteger minorias e seus direitos poderia ser vista como uma circunstância concomitante. Freud afirma em seu texto *Moisés e o Monoteísmo* (1934-1939/1996):

“O sentido de pertencimento dos grupos requer, para se concretizar, a hostilidade em relação a alguma minoria estranha, e a fragilidade numérica dessa minoria excluída incentiva seu extermínio.” (1934-1939/1996, p.335)

Essa cena de violência aponta para a necessidade emergente dos agressores de encontrar alguma minoria para qual direcionar sua hostilidade, e havendo uma fragilidade numérica, como no caso de Alexandre, um homem transexual e indefeso no momento do incidente, se tornou alvo da agressividade desse grupo para que pudessem reafirmar o sentido de pertencimento, não só entre eles, mas dentre os demais homens de seu meio.

As formações discursivas são, como destaca Pruinelli (2020), os espaços no qual se dá a constituição dos sentidos, onde os sujeitos manifestam seu posicionamento por meio de suas identificações e formações ideológicas. As formações discursivas são afetadas pelas formações imaginárias, que unidas ao aspecto ideológico, atuam diretamente na constituição dos sentidos, materializando-se no discurso. O assujeitamento presente na formação discursiva, que ocorre por uma interpelação ideológica, acontece de forma inconsciente ao sujeito, gerando assim uma forma de autonomia em relação à formação discursiva.

Na cena do estupro, inscrita em uma formação discursiva referente ao patriarcado como ideologia dominante, há uma subjugação dos sujeitos não identificados enquanto homens, e à violência sexual expressa pelo discurso de se “ensinar a ser mulher”, como forma de legitimar a violência praticada, ao passo que seria ensinado a ser mulher através do saber violento do homem. Nesse sentido, cabe reafirmar a posição dos estupradores como posição do patriarcado enquanto uma formação discursiva, ao passo que expressa

uma formação ideológica que é posta em linguagem, ou seja, surge pela via do discurso, apresentando também uma estabilidade e regularidade que legitima as práticas.

O depoimento dos agressores retorna também ao que Althusser (1970/1980) designou sobre os Aparelhos Ideológicos de Estado, sendo essas instituições que impõe realidades ao sujeito sem que necessariamente haja uma tomada de consciência a respeito de tal fato. Nisso é imposta também uma estética dos corpos, junto de uma orientação sexual pré-estabelecida. Uma dessas práticas, legitimadas pelo discurso religioso, diz respeito à submissão das mulheres à vontade dos homens, o que permite em contrapartida, que se inscreva na estrutura social a violência contra as mulheres, que se submissas ao desejo dos homens, poderiam também se sujeitar às formas de violência por eles praticada.

Nesse sentido, surge uma lógica de gestão patriarcal ao passo que tais noções estejam presentes no imaginário dos homens agressores, de modo que a Igreja enquanto Aparelho Ideológico de Estado, tal como Althusser propôs, permite e potencializa o alcance desse discurso, visto que historicamente a religião sempre esteve aliada aos interesses das classes dominantes e serviu como ferramenta para o controle das massas, construindo assim o caráter de gestão dentro da ideologia patriarcal vigente na nossa sociedade.

Tal lógica de gestão já se fazia presente no período colonial, como mostra a Adriana Varejão em sua pintura “Filho Bastardo”. A obra tem um prato de grande dimensões pintado e nele está reproduzida a violência praticada por dois representantes de instituições dominantes na época. Na esquerda é visto um padre, representante da igreja católica, abusando sexualmente de uma mulher escravizada, e na direita, um homem armado, ligado à milícia da época, praticando violência física contra uma mulher nua amarrada à uma árvore.



Figura A: Varejão, A. (1992). Filho Bastardo. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/adriana-varejao/filho-bastardo-1992>

Tal como a igreja, as milícias também representavam uma forma de dominação e imposição de poder sobre as pessoas, mas diferente da primeira instituição, elas são entendidas na lógica Althusseriana (1970/1980) como Aparelhos Repressivos de Estado. Os Aparelhos Repressivos de Estado diferente dos Aparelhos Ideológicos de Estado funcionam primariamente pela repressão e secundariamente pela ideologia, e o caráter repressivo se dava através da violência que poderia ser manifestada tanto de forma física quanto de outras formas.

Nesse sentido, mesmo que não caracterizada pelo autor como tal, a instituição religiosa da época poderia ser compreendida como um Aparelho Repressivo de Estado, se pensado que seu consentimento para com a violência e abuso contra as mulheres era legitimado pelo Estado, de forma a reprimir essas mulheres com uma forma de violência não física, ao passo que essa era praticada pelas milícias da época.

Para podermos falar sobre o estupro, fato recorrente na realidade brasileira, é necessário abordar dois pontos, sendo eles os traços do passado colonialista ainda inscritos na nossa sociedade, e a ideologia patriarcal que se mantém dominante no Brasil e em demais países do mundo. Ambos pontos terão como referência as pinturas da Adriana Varejão “Filho Bastardo”, vista acima no texto, e “Filho Bastardo II”, sendo uma releitura da obra “O Jantar” de Jean-Baptiste Debret. A obra de Varejão tem como objetivo expor a realidade vivida pelos escravizados no período colonial do Brasil, fato esse ocultado pelas narrativas daqueles que falam sobre o assunto. Na obra se faz



presente uma fissura de cor vermelha no centro da tela, de modo a lembrar o sangue e a violência presente nesse período, se assemelhando também à parte externa de uma vagina, reforçando o peso da cena de estupro que se faz presente na pintura. Pode-se notar que em ambas obras os personagens se mantêm, entretanto a circunstância retratada pela autora é o implícito na cena, o avesso ao que Debret pintou em 1827. Seguem respectivamente as obras de Debret e Varejão:



Figura B: Debret, J. B. (1827). O Jantar. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/debret-e-os-habitos-alimentares-na-corte-brasileira/>



Figura C: Varejão, A. (1995). Filho Bastardo II. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/adriana-varejao/filho-bastardo-ii-cena-de-interior-1995>

Historicamente, o estupro enquanto prática de dominação no Brasil se faz presente desde a colonização do país pelos portugueses, sendo as vítimas as mulheres

negras e escravas que trabalhavam para os donos de fazendas. Campos et al (2017) afirma que as mulheres que sofriam estupros eram responsabilizadas pelas mulheres e homens brancos por estarem seduzindo os seus “senhores”. Nesse movimento, percebe-se as questões ligadas também ao racismo presente nessa violência, onde nem mesmo as mulheres brancas protestavam ou demonstravam sororidade pelas vítimas, havendo nisso um imaginário de superioridade em relação às mulheres abusadas.

Como os proprietários das terras eram considerados como donos dos escravizados que trabalhavam para ele, não era questionado o comportamento violento que praticavam, visto que a violência era direito dos senhores em relação aos escravizados. A mesma autora completa apontando que a hipersexualização das mulheres negras na época surgiu como uma justificativa para os estupros cometidos, e que atualmente, as mulheres negras são as que mais sofrem violência sexual no Brasil.

Machado (1998) apontou em uma pesquisa com homens que cometeram estupros, que se faz presente uma associação com a noção de virilidade e de macheza do homem como capaz de possuir toda e qualquer mulher. A autora complementa afirmando que próximo ao imaginário da sexualidade masculina, onde o homem deve ser dominador e se apoderar do corpo feminino, se faz presente uma noção imaginária sobre a mulher como “aquela que se esquia para se oferecer”, apontando o estupro como uma “afirmação do macho”. Vale destacar que ao referir a mulher como posse do homem, se expõe a mesma situação da pessoa escravizada para o Senhor, ou seja, o corpo do escravizado está para o outro.

Tal associação tida pelos agressores de se fazer necessário provar ser capaz de possuir toda e qualquer mulher nos remete ao que Freud denominou em seu texto Totem e Tabu (1913/2012) como o Mito da Horda. Nesse texto se faz referência ao homem primitivo, sendo ele o sujeito quem comandaria a horda na qual vive, organização essa que posteriormente seria compreendida como a instituição familiar.

Como narra Freud (1913/2012), nessas civilizações primitivas, de tal modo organizadas, o homem mais forte da horda se veria no direito de possuir o corpo das mulheres pertencentes à horda, visto a posição que ocuparia como chefe, colocando os demais membros do totem, especialmente as mulheres, em posição de submissão diante sua autoridade.

Como destaca Dor (1991), o homem enquanto pai deve dar provas de que possui aquilo de que todo homem é desprovido. Esse movimento de se fazer provar possuir o que os demais são desprovidos, se referindo ao falo, era entendido como uma maneira de demarcar quem estava no poder.

Desde esse período, a mulher é posta como ferramenta para a afirmação do poder masculino, e a ausência delas indicaria que o chefe não seria capaz de manter sua posição, sendo rebaixado ao nível dos demais homens, criando assim uma relação de dominação sobre as mulheres como uma necessidade de manter a autoridade que sem a posse delas não possuiriam.

Esse aspecto se atualiza na sociedade atual segundo Boris e Cesídio (2007), camuflando as injustiças contra as mulheres e o sofrimento causado pelo sistema capitalista contra os negros e o gênero feminino. Com a ascensão do modo de produção capitalista, as funções das mulheres deixaram de ser prioritariamente de reprodução e submissão ao poder masculino, sendo necessário também usar de sua força de trabalho para fora de casa, estando associado ao maior espaço conquistado dentro da sociedade, que ainda assim se mostra menor do que deveria ser, visto ainda existir desigualdade salarial e outras formas de submissão das mulheres.

Para Costa e Mello (1999), como citam os autores, o sistema patriarcal começou a declinar no Brasil no final do século XIX, sendo esse o período onde o país se tornou uma federação, com a elaboração de sua própria constituição e ascensão da democracia. Afirmam também, que nesse mesmo período o modelo doméstico se tornou um modelo fabril, com a produção acontecendo dentro de empresas sob supervisão dos donos do capital.

Destacam também que o entrelaçamento do patriarcado ao capitalismo e o maior reconhecimento das mulheres dentro da sociedade, ainda vigoram características patriarcais na cultura brasileira, como a existência de famílias em que apenas o homem é o provedor, além da diferença salarial sofrida pelas mulheres em relação aos homens, fato esse que prejudica apenas as mulheres. Dessa forma, Boris e Cesídio (2007) afirmam que o corpo feminino sofreu os limites impostos pela cultura e pela sociedade patriarcal, de modo que o corpo que era explorado na busca de prazer agora também se torna um corpo explorado em sua força de trabalho.

Sobre Alexandre, podemos vê-lo nesse processo histórico que o Brasil carrega desde sua colonização, e também presente nos limites entre barbárie e civilização, em que na posição de homem trans, ele não foi reconhecido pelos demais como o homem pela qual se identifica, mas sim como um corpo feminino que “se esquivava para se oferecer”, expondo cruamente desse fato as concepções de masculinidade que são mantidas em nossa sociedade por uma formação social que legitima a violência como a que ele sofreu, seja culpabilizando a vítima ou justificando a atitude tomada pelos agressores, tal como os senhores de terra culpabilizavam as escravas por tentar “seduzi-los”.

Vemos nesse processo histórico o que Marx (1852/2011) se refere como “a história se repetindo como farsa”, por meio das tragédias de nosso passado colonialista que seguem inseridas em nossa cultura e repetindo a violência por meio do sistema patriarcal. Resultante desse movimento histórico, se torna cabível submetemos à análise a posição de Alexandre enquanto sujeito e como se localiza dentro de sua formação social.

## **PÃE**

Sequência Discursiva 2: *Minha gravidez foi algo inusitado em minha vida, pois vivia minha masculinidade e não queria perdê-la. Mandei fazer roupas ditas masculinas, mas para uma pessoa grávida.*

Nesse segundo momento do texto serão discutidas questões ligadas à transexualidade tendo como enfoque o significante “*pãe*” que a filha de Alexandre usa para se referir a ele. Se faz possível identificar na formação desse significante uma condensação das palavras “pai” e “mãe”, que para além de papéis dentro dos núcleos familiares, dizem respeito a funções constituintes na formação do sujeito.

O sujeito para a Análise do Discurso é também o resultado da relação com a linguagem e a história, sendo constituído a partir da relação com o grande Outro, e ao passo que o sujeito do discurso não é totalmente livre, também não é exclusivamente determinado por mecanismos exteriores (Jung de Campos e Alquati, 2020).

Sobre o grande Outro, Lacan (1964/1985, p. 194) o define como “o lugar em que se situa a cadeia do significante que comanda tudo que vai poder se presentificar do

sujeito, é o campo desse vivo onde o sujeito tem que aparecer”. Dessa forma, o autor afirma também que o sujeito apenas nasce na medida em que surge o significante no campo do Outro, enquanto representante da linguagem.

Pêcheux (1975/2014) reconhece o discurso como sendo atravessado pelo discurso do Outro, sendo esta alteridade constitutiva do sujeito, que não reconhece sua subordinação ao Outro frente à ilusão de ser a fonte do seu dizer, de tal modo que essa ilusão faz parecer que o sujeito estivesse no controle do seu dizer. Seria então pelo discurso do Outro que o sujeito estaria designado como “Sujeito”, permitindo-lhe tomar posições pela qual se torna responsável.

É reconhecível também o lugar da ideologia dentro do campo do grande Outro, ao passo que nele estão os ditos de todos os outros que constituem as determinações simbólicas da história do sujeito, essas que se fazem presentes mesmo antes de seu nascimento.

Esses “outros” a qual me refiro diz respeito ao pequeno outro para Lacan (1953/1998), sendo ele o sujeito com o qual nos identificamos, admiramos ou odiamos, e a partir dele que a própria imagem é construída. De tal modo, o eu se constitui a partir da imagem do outro, a qual carrega consigo a imagem esculpida pelos significantes do Grande Outro.

Ainda sobre o sujeito, destaco o caráter de intangibilidade que o conceitualiza, ao passo que é exclusivamente dele que podemos tratar do sujeito. “Esse que não é empírico, não é biológico, nem sociológico, não é homem, não é mulher, não é homo, trans, bi, cis. Não é gênero.” (Jung de Campos e Alquati, 2020). Como postula Freud (1917/1969, p.168) “O ego não é o senhor em sua própria casa”, permitindo abordar Alexandre para além de suas identificações, mas também pelo que ele não é, nem pai e nem mãe, mas sim *pãe*.

O não-ser ressalta também o deslocamento radical que situa o ego enquanto eu enunciativo, como uma parte mínima de um sistema psíquico de alta complexidade, permitindo assim o reconhecimento de uma outra cena operante naquilo que se situa na ordem do sujeito. Assim, o sujeito só poderia ser acessado pelo que não é.

Sobre o significante, Pêcheux (1975/2014) o define como um elemento distinto de um sentido prévio ou intrínseco, mas articulado em uma rede de significantes

determinada pelo efeito da metáfora. Existe então um primado do significante sobre o significado, por não significar nada em si, e o significante é determinante no processo de criação de sentido, a partir de um não-sentido.

O conceito de significante, para a Análise do Discurso, especifica também o ponto de encontro entre a linguagem e a história (Alquati e Ramos, 2020), ao passo que existe no processo de constituição dos sentidos de um significante modalidades histórico-materiais que realizam uma imposição de sentido às representações. De tal modo, “o significante toma parte na interpelação-identificação do indivíduo em sujeito” (Pêcheux, 1975/2014, p. 241).

Cabe destacar o conceito de lógica disjuntiva (Pêcheux, 1983/2015) presente na Sequência Discursiva 2. A lógica disjuntiva diz respeito à “impossibilidade” de existir um lugar fora do que já é socialmente identificado e reconhecido.

Alexandre ao falar de sua gravidez expõe o caráter de impossibilidade da lógica disjuntiva, explicitando a inexistência de um reconhecimento do social para a sua gravidez, a gravidez de um homem transexual que necessita de “roupas ditas masculinas, mas para uma pessoa grávida”.

Na lógica disjuntiva, “há real”, ou seja, pontos de impossibilidade, esses que determinam aquilo que não pode ser assim, criando assim uma prática de gestão dos corpos que é determinada pela ideologia dominante. Pêcheux (1983/2015) afirma sobre a lógica disjuntiva:

A esta série vem se juntar a multiplicabilidade das “técnicas” de gestão social dos indivíduos: marcá-los, identificá-los, classificá-los, compará-los, colocá-los em ordem, em colunas, em tabelas, reuni-los e separá-los segundo critérios definidos, a fim de colocá-los no trabalho, a fim de instruí-los, de fazê-los sonhar ou delirar, de protegê-los e de vigiá-los, de levá-los à guerra e de lhes fazer filhos... (Pêcheux, 1983/2015, p.30)

Quanto aos pontos de impossibilidade, trago o exemplo exposto por Pêcheux (1983/2015, p. 31): “- um mesmo objeto X não pode ter a ver ao mesmo tempo com a propriedade P e a propriedade não-P”. No caso de Alexandre enquanto *pãe*, ele não

poderia ser-pai e ser-mãe simultaneamente dentro de tal lógica, e a sua prática dentro dessa impossibilidade opera enquanto equívoco.

Faço um breve apontamento para o que Freud (1901/1986) aborda sobre a bissexualidade, onde o recalçamento “só é possível através da reação entre duas correntes sexuais” (p.449), sendo as duas correntes sexuais referentes à bissexualidade humana, essa que seria a base para a formação da identidade, ao passo que o recalque de uma constituiria sua oposta como identidade assumida.

Dentro da lógica disjuntiva, ressalto que esse recalçamento acontece diretamente relacionado à gestão social dos indivíduos, ele ocorre ao passo que o sujeito se inscreve no campo do social e nele é imposta uma categorização ou classificação, demandando um posicionamento frente ao recalque. A lógica disjuntiva surge como um “retorno do recalcado” no que diz respeito ao que é socialmente reconhecido, pondo em cena o que está fora do identificado, essa “corrente sexual” que é posta como “impossibilidade”.

Sequência Discursiva 3: *Certa vez uma diretora da escola me chamou após uma reunião de pais. Ela me contou que minha filha havia agredido um de seus coleguinhas por ele ter chamado seu pãe de sapatão. Concordei que a violência não era a saída e para minha surpresa a diretora da escola disse que minha filha precisava de um psicólogo pois aceitava muito naturalmente minha condição trans.*

Para a compreensão do significante “pãe” se fará necessária uma ruptura do contrato social "natural", que dita os corpos como homens ou mulheres e reproduzem o sistema de gêneros vigente em nossa sociedade, tomando como referencial a noção de contrassexualidade proposta por Preciado (2014), instituída na forma de um novo contrato social.

No contrato contrassexual, os sujeitos são entendidos como corpos falantes, e reconhecem os outros nessa mesma posição. O autor complementa afirmando que tal forma de abordar o sujeito acedem a todas práticas significantes, assim como posições de enunciação enquanto sujeitos que a história determinou como masculinas, femininas ou perversas. Butler (2003), como cita o autor, aborda a contrassexualidade como a análise crítica da diferença de gênero e sexo, sendo ela um produto do contrato social heterocentrado, cujas performatividades normativas foram inscritas nos corpos como verdades biológicas.

A formação do *pãer* torna ao que Lacan (1999) aborda sobre o Édipo, onde “há no Édipo a assunção do próprio sexo pelo sujeito, isto é, para darmos os nomes às coisas”, sendo esse processo originário de um contrato social heterocentrado, expondo que desde quando o sujeito começa a nomear as coisas ao seu redor a forma como o nomeia já está inscrita dentro de práticas significantes.

Na alegação da diretora da escola da filha de Alexandre, sobre a naturalidade em que a criança aceita a condição trans de seu *pãe*, retomamos à uma das noções de sexo propostas pelo autor, onde “O sexo é uma tecnologia de dominação heterossocial que reduz o corpo a zonas erógenas em função de uma distribuição assimétrica de poder entre os gêneros” (Preciado, 2014, pg. 25). Ao questionar a naturalidade da criança em reconhecer o corpo de Alexandre como trans, de igual modo que questiona a naturalidade desse mesmo corpo, se percebe a existência de uma distribuição de poder entre os gêneros, alegando de forma implícita que Alexandre estaria em uma posição de poder menor que a da diretora, que se identifica como mulher cisgênero.

Tal presunção se mostra como uma das bases do preconceito contra as pessoas trans em nossa sociedade, e se vista na perspectiva da contrassexualidade, entendemos que “as oposições, práticas e identidades sexuais não passam de máquinas, produtos, instrumentos” (Preciado, 2014, pg.25), de modo que as identidades sexuais, vistas como produtos ofertados pelos Aparelhos Ideológicos de Estado midiáticos, são consumidas pela população de maneira massiva, o que resulta na discriminação contra os corpos que não se enquadram nas categorias presentes no sistema de gênero vigente.

Sobre o *pãe*, destaco a noção de sujeito do inconsciente proposta por Lacan (1972-1973/1985). Para o autor, o inconsciente é estruturado como uma linguagem, estando sujeito ao equívoco tal como a língua está. De tal modo, a estruturação do inconsciente se daria por meio da metáfora e da metonímia, operadores simbólicos presentes também na formação do discurso. Barbosa (2020) afirma:

É importante notar que a metáfora é subordinada à metonímia, pois esta última garante o encadeamento e o contexto, ou seja, sem a estruturação do significante é impossível o surgimento de um novo sentido. É a metonímia a responsável por fazer com que toda significação remeta a outra e, deste modo, a cadeia não para de se articular. (Barbosa, 2020)



Sobre o significante *pãe* podemos tratá-lo como um equívoco, ao passo que ele se mostra como uma “marca de resistência que afeta a regularidade do sistema da língua”. (Leandro-Ferreira, 2020).

Sobre o equívoco, Pêcheux (1983/2015) aborda esse fato como um espaço das transformações de sentido, que escaparia às categorizações rígidas da linguística, sendo também o local onde o impossível da língua se encontra com a contradição da história, ao passo que expõe as diferenciações em relação ao conhecimento logicamente estabilizado do patriarcado. O autor afirma também que o equívoco é “um trabalho do sentido sobre o sentido, tomados no relançar indefinido das interpretações” (Pêcheux, 1983/2015).

O equívoco pressupõe deslizamentos, lapsos e falhas que fazem parte da língua, e especificamente para o *pãe*, representa uma marca de resistência e diferenciação em relação ao sistema, visto a inexistência de um lugar para a metáfora *pãe* dentro da ideologia dominante.

Se tratando da metáfora, essa que constitui a formação do *pãe*, ela funcionaria como condição para que o sentido seja produzido enquanto efeito, mas não opera sozinha no discurso, havendo também o funcionamento da metonímia. A metonímia é o que permite ao sujeito dizer uma parte representativa no processo de significação, no caso por meio do deslocamento dos termos pai e mãe, que fusionados, dão origem ao *pãe*.

A metonímia representa, nesse funcionamento, a parte que ganha presença na materialidade, como forma de tratar, de disfarçar, a perturbação produzida pela metáfora, como parte constitutiva de um todo composto pelo jogo estabelecido entre o dito e o não dito (Pêcheux, 1984/2011).

Ferreira (2002) aborda o entendimento de Lacan sobre a metáfora e a metonímia, definindo-as como sentidos figurados originados das operações de substituição, para a metáfora, e de combinação, para a metonímia, sendo equivalentes da teoria freudiana à condensação e ao deslocamento.

Se faz presente na afirmação da diretora a lógica dos “universos logicamente estabilizados” proposto por Pêcheux (1983/2015), ao passo que está identificada na formação discursiva do patriarcado no momento em que alega que não é normal aceitar

naturalmente a condição de trans de Alexandre, para ela, a idéia de um *pãe* é considerada falsa e errada, o que aponta para uma homogeneidade lógica presente em seu discurso.

“isto se marca pela multiplicidade de pequenos sistemas lógicos portáteis que vão da gestão cotidiana da existência (por exemplo, em nossa civilização, o porta-notas, as chaves, a agenda, os papéis, etc) até as “grandes decisões” da vida social e afetiva (eu decido fazer isto e não aquilo, de responder a X e não a Y, etc...) passando por todo o contexto sócio-técnico dos “aparelhos domésticos” (isto é, a série dos objetos que adquirimos e que aprendemos a fazer funcionar, que jogamos e que perdemos, que quebramos, que consertamos e que substituímos). (Pêcheux, 1983/2015, p.33)

Ênfase da sequência discursiva 2 a expressão “ditas masculinas”, pois tais roupas implicam na existência de um sistema lógico atribuído socialmente às vestimentas, e fora dele, existem pessoas como Alexandre que precisariam de roupas “ditas masculinas” mas não estão dentro das ordenações socialmente impostas de gênero, ou seja, dentro do “universo logicamente estabilizado” em que existem roupas “ditas masculinas” apenas para homens cisgênero, e inexistem roupas masculinas para pessoas grávidas.

Biziak (2022) destaca que o sujeito não pode ser tomado como “dono de uma vontade”, ao passo que a falha nos fenômenos significantes seriam acontecimentos que não comportam o “fracasso” senão como resultado de relações de poder, normas e posicionamentos no político. Surge disso um lugar externo aos universos logicamente estabilizados onde por meio da normatividade e das relações de poder se cria uma posição distinta aos sistemas lógicos hegemonicamente operantes.

Butler (2003) afirma que as noções de “masculino” e “feminino” seriam construídas por meio da repressão e do recalçamento de pulsões e desejos homossexuais, de modo que essas seriam lidas a partir de uma matriz heterossexual. Desse modo, masculino e feminino não existiriam senão pelo recalçamento mal sucedido, esse quem assombra as performatividades socialmente lidas como heterossexuais.

Ainda seguindo a lógica proposta por Butler (2003), o sujeito é tornado possível a partir de uma relação fundante que foralclui a identificação com posições ditas como

homossexuais, visto a obrigatoriedade socialmente imposta de identificação com o sexo masculino ou feminino, o que resultaria em um sujeito melancólico, desviante e desviado em relação a posições valoradas de maneira diferente pelas normas sociais tomadas.

Ao passo que para a literatura psicanalítica a função paterna diz respeito ao interdito da lei, e a função materna da inserção do desejo, se faz necessário ver a posição-sujeito de Alexandre e sua inscrição no masculino, ao passo de que se rigorosamente seguida tal literatura, seria impossível um homem ser capaz de demonstrar afeto ao filho.

Lacan (1999) afirma também que “virilidade e feminização são os dois termos que traduzem a função do Édipo”, o que pode se associar com o momento em que agrediu um coleguinha que chamou seu *pãede* sapatão. Não estando perfeitamente definida a posição de Alexandre nessa dualidade, há o apontamento de seu *pãe* para uma posição sapatão de mulher masculinizada, o oposto do homem feminino.

No momento em que Alexandre “concorda que a violência não era a saída”, como vemos na sequência discursiva 3, ele está alterando padrões de violência e macheza que são esperados da figura masculina, ressaltando o seu caráter de contra-identificação com a formação social em que está inserido.

Podemos atribuir um aspecto distinto na masculinidade de Alexandre, onde não há a identificação com os ideais de macheza e virilidade que são impostos aos homens. Essa forma de masculinidade assumida por Alexandre diria respeito a um homem feminino, que segundo Gontijo e Morais (2021), seria um sujeito que mesmo posicionado do lado homem, configura-se em uma identificação feminina, havendo um apagamento da exceção paterna, do pai potente que garante ao filho a sua virilidade.

Em oposição à garantia de virilidade ao filho, Alexandre se posiciona como um *pãe* afetuoso e carinhoso em relação à filha, o que permite pensar que a posição de *pãe* se fundamenta de maneira similar ao homem feminino, uma posição-sujeito contra-identificada à formação discursiva patriarcal, assim questionando-a. Consideremos essa terceira forma de posição nos cuidados em relação ao filho, que seguiremos chamando como *pãe*.

## **PAI**

*Sequência Discursiva 4: Passado alguns anos comecei a me hormonizar e a barba começou a aparecer. Minha filha me chamou para uma conversa e disse: “Agora não é mais pãe, agora é meu pai.”*

Nesse último momento da narrativa de Alexandre abordaremos mais a fundo a função paterna com ênfase no movimento realizado pela filha de renomear seu *pãe*, reconhecendo-o como um pai.

De início cabe mencionar que a função paterna não se faz presente desde a vinda do sujeito para o mundo, anterior a ela, a criança se encontra simbioticamente ligada à mãe, essa que posteriormente irá apresentar a criança ao suposto “pai”, melhor compreendido como o sujeito que viria a exercer uma função paterna. (Freud, 1924/1976)

O mesmo acontece na narrativa de Alexandre, entretanto, ninguém apresenta sua filha ao suposto “pai”, ela mesma quem encontra ele no decorrer da vida. Há nesse movimento não só um encontro do suposto pai, mas sim um reconhecimento de Alexandre como pai, fazendo um deslizamento do significante *pãe* para pai.

Sobre a metáfora paterna, Lacan (1999) afirma haver uma “simbolização primordial entre a criança e a mãe, a colocação substitutiva do pai como símbolo, ou significante, no lugar da mãe.” No movimento de reconhecer o Alexandre como pai, haveria a inscrição desse significante para a criança, e disso pode-se pensar que esse reconhecimento surge como substituição do aspecto materno no *pãe*, tanto como função como posição de enunciação.

Lacan (1999) aborda a função do pai como privador da mãe, se manifestando na relação mãe-bebê como aquele que castra, não o sujeito mas sim a mãe. Nesse movimento estaria Alexandre operando dentro da metáfora paterna no ato da hormonização, ao passo que a barba surge como um símbolo ao qual a criança se defronta com a imagem de que a mãe foi castrada, sobrando apenas o pai como produto desse processo.

A função paterna é também uma função simbólica da Lei, da linguagem, e que possui o papel de realizar a separação na relação entre a mãe e a criança (Heinemann & Chatelard, 2012). Araújo (2011), como cita Nascimento (2019), assinala a importância da diferenciação da função paterna enquanto operador lógico intrapsíquico, de qualquer fato social proveniente das reorganizações históricas de poder.

Em contrapartida a função materna para Lacan, como citam Calzavara e Ferreira (2019), possui como responsabilidade a transmissão de um desejo ao bebê, nomeando assim o lugar que a criança ocupa para a mãe. Disso surge a necessidade do laço materno para a subjetivação da criança. Junior (2020), aborda a mãe enquanto função como o lugar que institui o processo de endereçamento, nomeação e interpretação, onde o *infans*, o “sem palavras”, acessa à língua e à linguagem.

Pode-se dizer também que ao passo que Alexandre castra, ou interdita, sua posição como mãe dentro do pãe, coube a sua filha operar com o sentido de castração exposto aqui. Alexandre não se hormonizou com a finalidade de atacar a sua posição como mãe, pelo contrário, a filha quem reconheceu a ausência e a afirmou para ele, expondo a falta que surge para que haja um pai.

A partir desse fato sobre a suposta função paterna, que envolve Alexandre e sua filha, surgem questionamentos sobre. Seria esse movimento de reconhecimento da filha uma possibilidade de pensarmos em uma versão transformada da função paterna, dando abertura para outra possibilidade de função paterna? Para isso, se faz necessário discutir o possível movimento histórico que permitiu que emergisse essa outra possibilidade de pensar sobre tal posição. Esse movimento foi nomeado por Lacan como o declínio na função paterna.

Lacan (1938/2003) aborda o declínio da função paterna como a ausência do pai na cultura contemporânea e nas formas atuais de família, o que levou a formulação do conceito de Nome-do-Pai, tornando o pai uma função e lhe dando um valor de utensílio, colocando assim o pai numa posição de função, e não mais de sujeito.

Lacan (1960/1998, p. 590) define o Nome-do-Pai como “o significante que, no Outro como lugar do significante, é o significante do Outro como lugar da lei”, ou seja, diz respeito à lei externa ao sujeito na forma de lei simbólica, aquilo que o sujeito internaliza como norma em relação ao mundo.

Sobre o Nome-do-Pai, na obra de Lacan, o Zenoni (2007) destaca que em primeiro momento esse conceito surge como algo idêntico ao Outro, interno ao Outro, e em segundo momento, como um semblante que vela sua inconsistência, afirmando que o Nome-do-Pai não é um buraco enquanto falta, mas sim uma tentativa de tapar essa falta que é inerente ao sujeito. Entretanto, nesse processo se perde a unicidade do Nome-do-

Pai, visto que existem outros termos que podem cumprir essa função, mas nenhum deles se refere ao significante primeiro que está ausente.

Heinemann e Chatelard (2012) articulam que a pluralização do Nome-do-Pai, proposta por Lacan, se dá por não haver somente um ordenador, mas sim outros elementos que podem ter essa mesma função de amarração para o sujeito. Sobre a metáfora paterna, é postulado o pai como nome e a mãe como desejo, o que causa uma sobreposição do Nome em relação ao Desejo, ressaltando a função do pai como interdição, e havendo a substituição do Nome-do-Pai pelo Desejo da Mãe, é permitida uma perda de gozo, que para Freud é entendida como a castração.

Lacan (1969-1970/1992) aborda o declínio da função paterna junto com o avanço científico articulado ao capitalismo, surgindo assim o predomínio do mais-de-gozar sobre o Nome-do-Pai, fazendo com que a ordem social não seja mais fundada sobre a função do pai que nomeia, não sendo mais o desejo que lhe corresponde, mas sim o gozo. Sobre tal avanço, Lustoza et al (2014) destaca que ele “convida o sujeito a negar a castração pela via do objeto de consumo, oferecendo-lhe sem cessar uma série de artefatos tecnológicos destinados a tamponar a falta”. Lustoza (2009) completa “ Em termos psicanalíticos, diríamos que o gozo torna-se mais importante que o desejo”.

Melman (2003), formula o declínio da imago paterna como uma forclusão do Outro. Ele destaca que tal ato ocorre pelo período em que vivemos onde prevalecem diálogos horizontais com os semelhantes, o que faz com que a palavra não tenha um outro como referência senão a autoridade do locutor. Como razões para a forclusão da relação com o Outro, há o desenvolvimento de uma economia neoliberal que considera assegurar o gozo a todos, e junto a isso, um desligamento em relação à linguagem, que está sendo destituída por sistemas de comunicação mais simples e diretos. Havendo uma forclusão do Outro, ocorre também a forclusão da instância ideal do Outro, cujas restrições que essa instância impõe ao gozo são contrárias aos ideais da economia liberal.

Diante dessa conjuntura, uma reinvenção da função paterna como desejante se tornaria uma perspectiva para o futuro da paternidade. Enquanto desejante, essa função paterna iria transcender os pressupostos teóricos da atualidade de representante simbólico da lei, que unicamente faria a separação da mãe e da criança, abrangeria também a dimensão do desejo e da subjetividade, similar aos pressupostos teóricos do *desejo-da-mãe*, que na prática viriam a refletir nas dimensões do cuidado e do afeto com a criança.

Dessa janela de possibilidades, é onde podemos pensar o *pãe*, e de igual maneira onde ele estaria localizado entre a função materna e paterna, que como discutido anteriormente, são lugares na estrutura social havendo neles relações de poder explícitas. No caso de Alexandre podemos questionar também, que pai seria esse que veio do *pãe*? E de tal maneira, o novo pai que se delineia, precisaria ser *pãeantes*, tal como Alexandre foi?

## CONSIDERAÇÕES FINAIS

Buscou-se discutir nesse trabalho sobre a função paterna e como ela se encontra posicionada diante da formação social brasileira, e por meio dos depoimentos de Alexandre pudemos identificá-la pelo seu caráter de contradição, ao passo que Alexandre se posiciona como um homem que está contra-identificado com a lógica do patriarcado, se expõe uma conjuntura social que se identifica com tal modelo.

Ressalto aqui a importância desse trabalho para a psicologia, onde ele visa abrir portas para se investigar e discutir a função paterna, permitindo questionar o estatuto atual do tema, visto a ausência de respostas prontas para essa pesquisa. Destaco a relevância de se analisar o assunto para que sejam dados os primeiros passos para relevar essa temática para futuras pesquisas na área.

Destaco a importância de trabalhar e aprofundar autores contemporâneos que foram apenas tangenciados nessa pesquisa, tais como Preciado e Butler. Esses autores tensionam o binarismo, ao mesmo tempo em que assinalam à psicanálise a complexidade do sujeito e da diferenciação sexual, problematizando as funções materna e a paterna, que ainda carregam pressupostos heteronormativos.

O presente trabalho se deu início com a contextualização sobre o dispositivo teórico analítico utilizado, a análise do discurso pêcheutiana, para que em seguida pudessem ser trabalhadas as sequências discursivas do depoimento de Alexandre. Seguente a isso, a discussão se iniciou com o relato do estupro, onde foi discutido sobre o colonialismo no Brasil por meio das obras da Adriana Varejão e De Bret, situando a dimensão do estupro com base nas teorias freudianas e althusserianas.

Logo após, foi discutido sobre o significante *pãe* dentro da teoria contrassexual do Preciado, fundamentando-se na teoria lacaniana e pêcheutiana para tal, analisando o *pãe* como equívoco e operante enquanto metáfora juntamente com o funcionamento de metonímia, posicionando o *pãe* dentro da lógica disjuntiva e dos universos logicamente estabilizados. No último capítulo, há um retorno para a função paterna, sendo explorada a dimensão lacaniana do conceito, abordando a metáfora paterna e o nome-do-pai junto com o declínio de sua imago.

Com base no que foi analisado durante a pesquisa, podemos situar o *pãe* como um arranjo simbólico para lidar com o trauma do estupro, isso pode ser visto na sequência discursiva 2, onde é necessário um recurso para que Alexandre lide com a contradição “homem grávido”, sendo esse apenas oferecido pela filha ao reconhecê-lo



como *pãe*, permitindo que haja uma organização, ou tentativa de tamponamento, do buraco do trauma.

Sobre a função paterna, o *pãe* levanta questionamentos para tal. Seria ele uma revisão ou atualização da função paterna? Seria o *pãe* um pai desidentificado com a formação discursiva patriarcal? Tal significante proporciona possibilidades para pensarmos o futuro da função paterna, e com o declínio da imago paterna na sociedade, seria possível pensar em um “paternar” diferente do que é praticado hoje, não mais identificado com a ideologia patriarcal.

## REFERÊNCIAS

- Alquatti, R. e Ramos, T. V. (2020). Significante. Leandro-Ferreira, M.C. In: Glossário dos Termos do Discurso.
- Althusser, L. (1970/1980). Ideologia e Aparelhos Ideológicos do Estado. 3ª Edição. Editora Martins Fontes.
- Barbosa, K. (2020). De Jakobson a Lacan: A construção da metáfora paterna. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online]. 2020, v. 23, n. 3, pp. 29-37.. <https://doi.org/10.1590/1809-44142020003005>.
- Barroso, S. F. (2015). Mãe Simbólica e função da mãe. *Curinga*, 40, 59-72.
- Biziak, J. dos S. (2022). MATERIALIDADES EMBRIAGADAS: SUJEITOS A/ENTRE JACQUES LACAN, JUDITH BUTLER E HILDA HILST. No Prelo.
- Boris, G. D. J. B. & Cesídio, M. de H (2007). Mulher, corpo e subjetividade: uma análise desde o patriarcado à contemporaneidade. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 7(2), 451-478.
- Butler, J. (2003). Problemas de gênero: feminismo e subversão da identidade. Rio de Janeiro: Civilização Brasileira.
- Calzavara, M. G. P. & Ferreira, M. A. V (2019). A função materna e seu lugar na constituição subjetiva da criança. *Estilos da Clínica*, 24(3), 432-444. <https://dx.doi.org/10.11606/issn.1981-1624.v24i3p432-444>
- Campos, C. H. de, Et Al (2017). Cultura do estupro ou cultura antiestupro?. *Revista Direito GV* [online] v. 13, n. 3. <<https://doi.org/10.1590/2317-6172201738>>.
- Costa, I., Oliveira, A. S. de, Dorneles, E. F. (2020). Ideologia. Leandro-Ferreira, M.C. In: Glossário dos Termos do Discurso.
- Debret, J. B. (1827). O Jantar. Disponível em: <https://ensinarhistoria.com.br/debret-e-os-habitos-alimentares-na-corte-brasileira/>
- Dor, J. (1991). O pai e sua função em psicanálise. Rio de Janeiro. Editora Jorge Zahar.

Ferreira, N. P. (2002). Jacques Lacan: apropriação e subversão da lingüística. *Ágora: Estudos em Teoria Psicanalítica* [online] v. 5, n. 1, pp. 113-131. <https://doi.org/10.1590/S1516-14982002000100009>.

Freud, S. (1901/1986). A correspondência completa de Sigmund Freud para Wilhelm Fliess – 1887-1904. J. M. Masson (Ed.), (Vera Ribeiro, Trad.). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1924/1976). A dissolução do complexo de Édipo. Edição standard brasileira das obras psicológicas completas de Sigmund Freud . Rio de Janeiro: Imago, v. 19, p. 217-228.

Freud, S. (1934-1939/1996). Moisés e o monoteísmo. In S. Freud, *Edição Standard Brasileira das Obras Psicológicas Completas de S. Freud* (J. Salomão, trad., vol. 23, pp. 15-150). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1930/1976). O mal-estar na civilização. In *O futuro de uma ilusão, o mal-estar na civilização e outros trabalhos* (edição standard brasileira das Obras Psicológicas Completas de Sigmund Freud, Vol. XXI (pp. 75-174). Rio de Janeiro: Imago.

Freud, S. (1913/2012). Totem e tabu. In S. Freud, *Obras Completas Sigmund Freud* (P. C. L. Souza, trad., Vol. 11). São Paulo, SP: Companhia das Letras.

Freud, S (1917/1969). Uma dificuldade no caminho da psicanálise. In: Freud, S. *Edição Standard Brasileira das Obras Completas de Sigmund Freud*. v. 6. Rio de Janeiro: Imago.

Gontijo, R. A. G., & Morais, M. R. R (2021). O homem feminino na atualidade pensado à luz da Psicanálise. *Pesquisas e Práticas Psicossociais*, 16(3), 1-15.

Heinemann, G. B. B, &Chatelard, D. S. (2012). Concepção atual de família: do declínio da função paterna aos novos sintomas. *Revista Mal Estar e Subjetividade*, 12(3-4), 639-662.

Jung de Campos, L. e Alquati, R. (2020). Sujeito. Leandro-Ferreira, M.C. In: Glossário dos Termos do Discurso.

Junior, H. C. M. (2020). O exercício da Função Materna e o semblante mulher na tábua da sexuação de Lacan. *Tempo psicanalitico*, 52(1), 38-60.

Kupfer, M. C. (2010). O Sujeito na Psicanálise e na Educação: bases para a educação terapêutica. *Revista Educação & Realidade*, Porto Alegre, v. 35, n. 1, p. 265-281.

Lacan, J. (1953/1988) Função e campo da fala e da linguagem. In: Lacan. *Escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1999) *O Seminário, livro 5: as formações do inconsciente*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar. (Coleção Campo Freudiano no Brasil).

Lacan, J. (1938/2003). Os complexos familiares na formação do indivíduo. In J. Lacan. *Outros escritos*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1963/2005). Os nomes do pai (1963). In: Lacan, J. *Nomes-do-Pai*. Rio de Janeiro: J. Zahar.

Lacan, J. (1972/1973-1985). *O Seminário, livro 20: mais, ainda* (2ª edição revista). Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Lacan, J. (1969-1970/1992). *O seminário, livro 17: o avesso da psicanálise*. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Editor.

Lacan, J. (1964/1985). *O Seminário, livro 11: os quatro conceitos fundamentais da psicanálise*. Rio de Janeiro: Zahar.

Lacan, J. (1960/1998) Subversão do sujeito e dialética do desejo no inconsciente freudiano. In: Lacan, J. *Escritos* Rio de Janeiro: Jorge Zahar.

Leandro-Ferreira, M. C. (2020). Equívoco. Leandro-Ferreira, M.C. In: *Glossário dos Termos do Discurso*.

Lustoza, R., Cardoso, M. J. d'E, Calazans R. (2014). "Novos sintomas" e declínio da função paterna: um exame crítico da questão. *Ágora*. Rio de Janeiro.

Lustoza, R. (2009). O discurso capitalista de Marx a Lacan: algumas consequências para o laço social. *Ágora*, v.12, n.1, p.41-52.

- Machado, L. Z. (1998). Masculinidade, sexualidade e estupro: as construções da virilidade. *Cadernos Pagu*, Campinas, n. 11, p. 231-273.
- Maldidier, D. (2003). *A Inquietação do Discurso*. Pontes Editores. São Paulo.
- Marx, K (1852/2011). *O 18 de Brumário de Luís Bonaparte*. Boitempo Editorial. Rio de Janeiro.
- Melman, C. (2003) *Novas Formas Clínicas no Início do Terceiro Milênio*. Porto Alegre: CMC Editora.
- Nascimento, J. (2019). *Sobre O Declínio Da Função Paterna: Exegese E Atualidade*. Universidade Federal Do Paraná. Curitiba.
- Orlandi, E. P (2002). *Análise de Discurso: princípios & procedimentos*. 4. ed. São Paulo: Pontes.
- Pêcheux, M. (1984/2011). *Metáfora e Interdiscurso*. In: ORLANDI, Eni (org.). *Análise de Discurso: Michel Pêcheux*. 2. ed. Campinas: Pontes, p. 151-61.
- Pêcheux, M. (1983/2015). *O Discurso: estrutura ou acontecimento*. Campinas: Pontes.
- Pêcheux, M. (1975/2014). *Semântica e Discurso: uma crítica à afirmação do óbvio*. Tradução de Eni Orlandi. 5. ed. Campinas: Editora da UNICAMP.
- Preciado, B. (2014). *Manifesto contrassexual*. São Paulo.
- Promundo, I. (2019). *A Situação da Paternidade no Brasil 2019: Tempo de Agir*. Rio de Janeiro, Brasil: Promundo.
- Pruinelli, A. M. (2020). *Formação Ideológica*. Leandro-Ferreira, M.C. In: *Glossário dos Termos do Discurso*.
- Sangali, S. (2021). *Pensamento de(s)colonial na práxis da psicologia brasileira*. Trabalho de conclusão de curso não-publicado, Programa de Graduação em Psicologia, Universidade de Caxias do Sul, Caxias do Sul, Brasil.
- Varejão, A. (1992). *Filho Bastardo*. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/adriana-varejao/filho-bastardo-1992>

Varejão, A. (1995). Filho Bastardo II. Disponível em: <https://www.wikiart.org/pt/adriana-varejao/filho-bastardo-ii-cena-de-interior-1995>

Vinhas, L.I. (2020). Materialidade Discursiva. Leandro-Ferreira, M.C. In: Glossário dos Termos do Discurso.

Zenoni, A. (2007). Versões do Pai na psicanálise lacaniana: o percurso do ensinamento de Lacan sobre a questão do pai. *Psicologia em Revista*, 13(1), 15-26.

## ANEXOS

### ANEXO A

#### O AMOR É SIMPLEMENTE AMOR

Aos 19 anos eu cursava o segundo ano do ensino médio. Aos sábados a escola abria seus portões para o uso da quadra poliesportiva e eu e alguns amigos sempre íamos jogar futebol, porém num desses sábados minha turma não foi e resolvi ir sozinho. Joguei bola com outra galera que não conhecia, mas tudo bem. Após o jogo terminar fui ao banheiro, sempre usei o banheiro masculino, e para minha surpresa lá estavam 4 caras e os mesmos tomaram uma atitude muito violenta comigo. Começaram a me xingar e dizer que iriam me ensinar a ser mulher. Nesse momento me colocaram dentro de uma cabine e começaram a me bater e a me violentar sexualmente. Fui estuprado pelos 4 caras... Após 3 meses do ocorrido percebi algo diferente e fui procurar um médico onde descobri que estava “grávido”. Por motivos pessoais decidi levar a gravidez em diante. Minha gravidez foi algo inusitado em minha vida, pois vivia minha masculinidade e não queria perdê-la. Mandeí fazer roupas ditas masculinas, mas para uma pessoa grávida. Comprei enxoval, senti os chutes, senti enjoos, vi a transformação de meu corpo. Foi uma experiência incrível e muito desafiadora pra mim e isso me fez valorizar muito mais o ser “pãe”. Ao meu ginecologista disse que não faria parto normal, que isso eu não queria e então ficou decidido que eu faria uma cesariana. No dia 22/08/1991 entrei em trabalho de parto e fui a maternidade. Às 10 da manhã entro no centro cirúrgico e faço minha cesariana. Lembro-me com muita emoção quando a vi pela primeira vez, chorei. Ali começava uma relação de amor e amizade. Chegou outro momento em que eu teria que travar uma luta pessoal e interna, amamentar. Decidi que ao invés de colocá-la em meu peito para isso compraria uma daquelas bombinhas para tirar leite e foi o que fiz durante 2 anos. O porquê de não amamenta-la através dos seios? Sou um homem trans! Minha relação de “pãe” com minha filha sempre foi de muito carinho e afeto. Sozinho eu a criei com todas as responsabilidades de um pai e uma mãe ao mesmo tempo, o que não é novidade, pois há inúmeras mulheres e homens que vivenciam isso. As coisas entre eu e ela fluíam naturalmente até o momento em que ela teve que ir a escola, pois a incompreensão das pessoas de fora do nosso convívio era cruel comigo e até com minha filha. As pessoas não entendiam o termo que ela usava para me chamar, “pãe”, e quando eu explicava as pessoas nos discriminavam. Certa vez uma diretora da escola me chamou após uma reunião de pais. Ela me contou que minha filha havia agredido um de seus colegas

por ele ter chamado seu pão de sapatão. Concordei que a violência não era a saída e para minha surpresa a diretora da escola disse que minha filha precisava de um psicólogo pois aceitava muito naturalmente minha condição trans. Minha filha tinha 10 anos quando isso aconteceu. Foi nesse instante que decidi ter uma conversa com ela e contar tudo. Falei pra ela que meu amor por ela era muito grande e que eu era uma pessoa transexual. Nesse momento ela me abraçou forte e disse que me amava muito. Passado alguns anos comecei a me hormonizar e a barba começou a aparecer. Minha filha me chamou para uma conversa e disse: “Agora não é mais pão, agora é meu pai.” Vivemos uma relação de pai e filha naturalmente, mesmo que a sociedade a discrimine por respeitar minha decisão. Sempre conversamos sobre tudo. Somos muito amigos. Minha filha e eu saímos juntos com amigos, às vezes com os amigos dela. Vamos ao cinema, teatro, baladas. Aos 19 anos ela estava namorando uma cara e engravidou. Curti com ela sua gravidez, pois o namorado terminou o relacionamento com ela. Vivemos essa gravidez tão intensamente, foi incrível. Pinte o quarto, enfeitei com quadrinhos, montamos o berço, compramos roupinhas, guarda-roupa, ficou lindo. No dia 05/07/2013, um dia antes de meu aniversário ela entrou em trabalho de parto. Minha filha havia decidido fazer um parto natural. Fomos a casa de parto. Ali estava minha menina, agora uma mulher. Forte, decidida... Foi lindo o nascimento de minha netinha. Lembro-me com lágrimas nos olhos o momento em que a minha filha pegou sua filha e disse: “Olha quem está aqui, seu vovô.” Nossa família é uma família feliz, porém fora dela a crueldade das pessoas que não respeitam as outras pessoas por preconceito passaram a fazer com minha netinha o mesmo que fizeram com minha filha em sua infância. Mas hoje além de mim há minha filha para mostrar a elas que o amor não tem cor, não tem raça, não tem gênero. O amor é simplesmente amor. Me chamo Alexandre, sou um homem transexual, tenho 46 anos e sou um pai e um avô muito feliz.